



Manuelzão e Miguilim

Guimarães Rosa

Geração de 45: a prosa renovada

A sociedade vive, no período pós-guerra, novas necessidades, determinadas pelo terror da guerra e da destruição; aumenta a necessidade de uma comunicação mais direta, e isso determina o predomínio da prosa sobre a poesia, com prioridade do gênero narrativo.

A influência da ideologia comunista, por sua vez, implica o cultivo de uma literatura participante, em que se divisa a denúncia da realidade social, degradada nas suas estruturas fundamentais. Buscam-se caminhos para o entendimento e a decifração do homem, no que se nota claramente a influência das teorias freudianas e do catolicismo existencial. Procura-se, enfim, senão um remédio para as dores da guerra — e seus temores —, pelo menos, paliativos que tornem sua lembrança mais suportável. O Experimentalismo dos anos 50, por exemplo, abriria caminho para a ruptura com a tradição do gênero narrativo e com os limites entre suas estruturas.

Do ponto de vista da poesia, a “Geração de 45” — ou Terceira Geração Modernista no Brasil — representou, praticamente, uma volta à literatura que se fazia antes da Semana de Arte Moderna de 1922. Vista dessa forma, pode ser entendida como um retrocesso em relação às conquistas realizadas pelos modernistas: enquanto estes defendiam a liberdade de expressão, o verso livre, harmônico, a anarquia formal, os poetas da geração de 45 revalorizam a métrica, a rima, o vocabulário, o plano formal, enfim. O maior nome da poesia dessa geração é João Cabral de Melo Neto.

Já a prosa cultivada nesse período é marcada, sobretudo, pelo caráter de renovação, especialmente através do experimentalismo em relação aos elementos da narrativa de ficção. Assim, apoiando-se na ideia de que a palavra cria a realidade — trazida pela Linguística — o romance passa a ter valor em si mesmo e deixa de ser considerado apenas como representação da vida concreta.

Destacam-se no trabalho com a linguagem, nessa fase, principalmente dois nomes: Clarice Lispector e Guimarães Rosa, considerados pela crítica como os divisores de águas da prosa de ficção no século XX. Segundo o crítico Antônio Cândido,

“O grande impacto renovador de Clarice Lispector nos anos 40, e o de Guimarães Rosa, nos anos 50, parecem ter desnorteado um pouco a ficção brasileira. Imitá-los seria difícil, porque apresentam fórmulas demasiadamente pessoais, sem a racionalização teórica que permite transmiti-las, como as que serviam de base à difusão das inovações poéticas. Além disso, tanto um quanto outro se caracterizam por desromantizar o romance, puxando-o da prosa para a poesia, do enredo para a sugestão, da coerência temporal para a confusão do tempo. E isto tudo era mais ou menos difícil de incorporar a um gênero que, ao contrário da poesia, é objeto da demanda relativamente grande por parte do público, o que obriga manter certa comunicabilidade.”

Guimarães Rosa: médico, diplomata, escritor fundamental para a literatura brasileira

João Guimarães Rosa nasceu em Cordisburgo, Minas Gerais, no dia 27 de junho de 1908, e morreu no Rio de Janeiro, em 19 de novembro de 1967, vítima de enfarte, quando estava escrevendo, no gabinete de sua casa.

Sobre a infância em Cordisburgo, diria ele, mais tarde:

“Não gosto de falar da infância. É um tempo de coisas boas, mas sempre com pessoas grandes incomodando a gente, intervindo, estragando as prazeres. Recordando o tempo de criança, vejo por lá um excesso de adultos, todos eles, mesmo os mais queridos, ao modo de soldados e policiais do invasor, em pátria ocupada. Fui rancoroso e revolucionário permanente, então. Já era míope e nem mesmo eu, ninguém sabia disso. Gostava de estudar sozinho e de brincar de geografia. Mas, tempo bom de verdade, só começou com a conquista de algum isolamento, com a segurança de poder fechar-me num quarto e trancar a porta. Deitar no chão e imaginar histórias, poemas, romances, botando todo mundo conhecido como personagem, misturando as melhores coisas vistas e ouvidas.”

Aos dez anos, é levado para Belo Horizonte pelo padrinho e avô, Luís Guimarães, a fim de estudar; é matriculado na primeira série do ginásio do Colégio Arnaldo. Durante seus estudos, desenvolve um grande gosto pela literatura. Em 1925, matricula-se na Faculdade de Medicina de Minas Gerais. Enquanto faz o curso, escreve contos com os quais participa de alguns concursos, sendo premiado quatro vezes.

Em junho de 1930, casa-se com Lygia Cabral Pena, com quem teve duas filhas, Agnes e Vilma, esta, escritora como o pai. Em 02 de dezembro deste mesmo ano, forma-se, tendo sido o orador de sua turma. Passa a exercer a profissão no interior de seu Estado, onde recolhe importante material para suas obras. E aproveita a vida calma para estudar línguas:

“Estudava línguas para não me afogar completamente na vida do interior.”

Volta a Belo Horizonte em 1932, por causa da Revolução Constitucionalista, a fim de servir como médico voluntário da Força Pública; no ano seguinte, por concurso, integra, como oficial-médico, o 9º Batalhão de Infantaria, em Barbacena.

Presta concurso para o Itamaraty em 1934, sendo aprovado em segundo lugar, e ingressa na carreira diplomática, chegando a embaixador. Passa, então, a viver entre vários países, escrevendo e aumentando seu conhecimento sobre culturas e línguas diferentes.

Em 1936, concorre ao Prêmio da Academia Brasileira de Letras, com o volume de poesias *Magma*, que, embora vitorioso, não é publicado por ele; no ano seguinte, participa do Prêmio Humberto de Campos, da Livraria José Olímpio, com a coletânea *Contos*, que depois se transformaria no livro *Sagarana*, obtendo o segundo lugar.

Publica, em 1946, *Sagarana*, festejado como uma das mais importantes obras da ficção brasileira à época. Recebe, por ele, o prêmio das Sociedade Felipe d’ Oliveira.

No início de 1952, publica, com sucesso, *Corpo de baile*, e em maio desse mesmo ano, *Grande Sertão: Veredas*, livro inspirado por uma excursão que fizera em 1952 pelo Mato Grosso e que consagra definitivamente o seu estilo. Recebe, por ele, três prêmios: o Machado de Assis, pelo Instituto Nacional do Livro; o Carmen Dolores Barbosa, de São Paulo, e o Paula Brito, da Municipalidade do Rio de Janeiro.

Em 1961, recebe o Prêmio Machado de Assis, da Academia Brasileira de Letras, pelo conjunto de sua obra. Um ano depois, publica *Primeiras estórias*. Em 1963, candidata-se, pela segunda vez, a uma vaga na Academia e é eleito por unanimidade no dia 8 de agosto. No entanto, adia seu ingresso por quatro anos, assumindo a cadeira apenas em 1967. Tem suas obras traduzidas para várias línguas em 1965 e 1966, ao mesmo tempo que surgem adaptações de seus textos para o cinema.

1967 é um ano definitivo: vai ao México representar o Brasil no I Congresso Latino-Americano de Escritores, atuando como vice-presidente; publica *Tutameia* em julho e toma posse na Academia Brasileira de Letras, em 16 de novembro, saudado pelo acadêmico Afonso Arinos; três dias depois, no entanto, sua carreira de sucesso seria interrompida pelo enfarte que o fulminou, enquanto escrevia, na casa onde vivia com a segunda mulher, Aracy Moebius de Carvalho.

Apesar da vida breve — morreu com 59 anos — Guimarães Rosa deixou uma obra que, embora não muito vasta — até porque seu trabalho com a palavra era detalhado e demorado —, é reconhecida, no Brasil e no mundo, como única na história da literatura brasileira, dividindo, sem dúvida, as suas águas no século XX: escreveu cinco volumes de contos — *Sagarana*; *Primeiras estórias*; *Tutameia (Terceiras estórias)*; *Estas estórias*; *Ave, palavra* — uma novela — *Corpo de baile*, dividida, a partir da terceira edição, em três

volumes, *Manuelzão e Miguilim*, *No Urubuquaquá, no Pinhém*, *Noites do Sertão* e um romance — *Grande Sertão: Veredas*.

Uma linguagem ímpar e revolucionária

Guimarães Rosa tem sido considerado pela crítica como um divisor de águas na literatura brasileira do século XX: depois dele, de seu trabalho com a linguagem, da verdadeira revolução que fez com a expressão literária, realmente a linguagem literária não foi a mesma. Em 1965, durante o Congresso de Escritores Latino-Americanos em Gênova, ele afirmou, a esse respeito, em depoimento a Gunter Lorenz:

“A língua é o espelho da existência, mas também da alma. [...] Somente renovando a língua é que se pode renovar o mundo. Devemos conservar o sentido da vida, devolver-lhe esse sentido, vivendo com a língua. [...] A língua serve para expressar ideias, mas a linguagem corrente expressa apenas clichês e não ideias; por isso está morta, e o que está morto não pode engendrar ideias. Não se pode fazer desta linguagem corrente uma língua literária [...]”

A linguagem rosiana é absolutamente inovadora no tratamento do tema regionalista, na criação de uma aliança entre “a modernidade da escrita dentro da maior fidelidade à tradição da língua e à matriz da região”. Para ele, a língua era seu “elemento metafísico”, e a linguagem e a vida, uma coisa só:

“Quem não fizer do idioma o espelho de sua personalidade não vive; e como a vida é uma corrente contínua, a linguagem também deve evoluir constantemente. [...] A língua e eu somos um casal de amantes que juntos procriam apaixonadamente [...]”

O vocabulário usado por Guimarães Rosa é insólito, marcado pela presença de erudições, arcaísmos, neologismos, que promovem a imortalização dos valores espirituais, humanos e culturais. Evidenciam-se, em seu estilo, a exploração das forças visuais da linguagem e a utilização de recursos poéticos na prosa: são os ritmos próprios da poesia, as rimas, as aliterações, as assonâncias, os deslocamentos de sintaxe:

“Sou precisamente um escritor que cultiva a ideia antiga, porém sempre moderna, de que o som e o sentido de uma palavra pertencem um ao outro. Vão juntos. A música da língua deve expressar o que a lógica da língua o briga a crer.

[...] O melhor dos conteúdos de nada vale, se a língua não lhe fizer justiça. [...] E o conteúdo mais perigoso chega a ter uma função humana, se estiver expresso em uma linguagem poética, isto é, humana [...] Cada palavra é, segundo sua essência, um poema. [...]”

Entre os recursos de verbalização mais frequentes na obra de Guimarães Rosa, vale ilustrar a ocorrência da prefixação e da sufixação, alistadas a seguir, apenas como exemplificação da vastíssima gama de trabalhos que operou com a linguagem em sua obra.

- A prefixação é largamente empregada, e pode indicar, entre outras circunstâncias:
- a privação de um estado ou atributo: *desviveu*, *descrespos*
- uma retroação: *desavança*
- a caracterização de um estado: *desvago*
- o deslocamento no espaço: *transredondeza*
- a reciprocidade de ação ou estado: *compertencem*
- uma atividade em conjunto: *confreia*
- a retomada de uma atividade: *desescorregar*
- a dispersão de uma atividade: *devôo*
- a reincidência de uma atividade: *rearrepente-me*
- a adequação a uma situação: *admodo*
- a posterioridade de uma ação ou atividade: *sobre-sentido*
- uma gradação: *visluz*, *vanvistas*
- A sufixação é outro recurso muito presente na prosa rosiana, expressando, entre outras circunstâncias, as seguintes:

- afetividade: pensamentozinho, confortavelzinho, umazinha
- modo, comparação: herculesco
- propensão a determinada tarefa ou comportamento: fazejo
- coletividade, agrupamento: ninhagem
- intensidade, realce: crispim, ruivim
- frequência de ação ou estado: demoroso, soproso
- abundância ou plenitude: almado — cheio de alma
- estado ou forma: pomosas — em forma de pomos

Ainda no que diz respeito aos recursos expressivos, cabe mencionar a formação de palavras pelo processo de derivação imprópria, através da mudança da classe gramatical, como se observa nos fragmentos abaixo:

“[...] Era uma viagem inventada no feliz; para ele, produzia-se em caso de sonho. [...]”

“[...] Mesmo o avelarem-lhe o cinto de segurança virava forte afago, de proteção, e logo novo senso de esperança: ao não-sabido, ao mais. [...]”

“[...] como sabendo mais que os outros a prática do acontecer das coisas. [...]”

Observa-se, na obra rosiana, a fusão entre o real e o mágico, possibilitada pela radicalização dos processos mentais do “contexto fornecedor de matéria-prima” e por uma nova maneira de repensar as dimensões da cultura, flagrada em suas articulações no mundo da linguagem. Quebram-se as barreiras existentes na narração e, assim, a natureza, por exemplo, aparece como cenário e como agente ativo, participante, diretamente ligado aos destinos dos homens, enquanto a paisagem, o gado, os cavalos, os cavaleiros, as crianças, os cantadores são seres a transitar entre a magia e a realidade, num verdadeiro processo de superação do exotismo e de universalização do regionalismo.

O regionalismo passa, então, a ter um novo significado, promovendo uma experiência estética universal: a recuperação do passado rústico do sertão é feita de maneira transfigurada, e o mundo do sertão passa a projetar, simbolicamente, a vida humana em geral, numa fusão entre o regional e o universal — pois “o sertão é o mundo”:

“Para poder ser feiticeiro da palavra, para estudar a alquimia do sangue do coração humano, é preciso provir do sertão.”

“[...] Quem interpreta como um nacionalismo mesquinho o fato de eu partilhar a maneira de pensar e de viver do sertão, é um tolo; prova apenas que não entende meus livros [...] Portanto, torno a repetir: não do ponto de vista filológico e sim do metafísico, no sertão fala-se a língua de Goethe, Dostoiévski e Flaubert, porque o sertão é o terreno da eternidade, da solidão [...]”

Um volume, duas novelas

As duas novelas que compõem esta obra foram publicadas em 1956 como parte de *Corpo de baile*; a partir de 1960, quando *Corpo de baile* se desdobrou em três livros, *Manuelzão e Miguilim* passou a formar um único volume.

Apesar da ordem dos nomes no título, a primeira novela, *Campo geral*, conta a história de Miguilim, um menino de oito anos, abordando o universo do mundo infantil sob a sua ótica; a segunda, chamada *Uma estória de amor*, trata de Manuelzão e dos preparativos para a festa de consagração de uma capela que ele construía.

As duas novelas são apresentadas pelo autor no sumário do livro como poemas. Isto se deve à profunda revolução empreendida por Guimarães Rosa no campo da linguagem, quebrando as barreiras entre a poesia e a prosa, entre os elementos da narrativa e o ponto de vista do narrador, misturando gêneros e renovando e revitalizando a expressão literária, razão também por que ele tem sido visto como o “divisor de águas da literatura brasileira do século XX”.

Além disso, as duas narrativas são impregnadas pelo clima lírico e a linguagem, poética e musical, marcada por recursos míticos e pelas imagens criadas pela visão do artista.

Campo geral: a história de um certo Miguilim

Um narrador, com intensa carga lírica, relata a vida de Miguilim, garoto nascido e criado no sertão nortista do Estado de Minas Gerais, na localidade chamada Mutum.

No texto, percorre a doçura e poesia da imaginação infantil, ingênua de Miguilim, que o narrador adulto não trai:

“Um certo Miguilim morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos, longe, longe, long e daqui, muito depois da Vereda-do-Frango-d’ Água e de outras veredas sem nome ou pouco conhecidas, em ponto remoto, no Mutum. [...]”

São as vivências do menino Miguilim, sua sensibilidade e inteligência na busca de entender as pessoas, a vida, o mundo, que conduzem o discurso de um narrador que, embrenhado num mundo mágico, mantém semi-identificado tanto o garoto — “Um certo Miguilim, morava com sua mãe...” — como seu espaço — “...longe, longe daqui, muito depois da vereda...” Este Miguilim persegue explicações para suas experiências afetivas, seu deslumbramento diante da natureza e suas preocupações morais. Nesse âmbito psicológico, a narrativa principia divagando sobre uma viagem do menino Miguilim, aos sete anos de idade, com o tio Terez, irmão de seu pai, à localidade de Sucuriju, a fim de ser crismado, já que por lá estava o bispo:

“[...] Miguilim tinha oito anos. Quando completara sete, havia saído dali, pela primeira vez: o Tio Terêz levou-o a cavalo, à frente da sela, para ser crismado no Sucuriju, por onde o bispo passava. Da viagem, que durou dias, ele guardara aturdidadas lembranças, embaraçadas em sua cabecinha. De uma, nunca pôde esquecer: alguém, que já estivera no Mutum, tinha dito: — É um lugar bonito, entre morro e morro, com muita pedreira e muito mato, distante de qualquer parte; e lá chove sempre...”

Para Miguilim a viagem reveste-se de enorme importância, pois, além de conhecer o bispo — autoridade importante — teria oportunidade de dissipar uma dúvida: seria o Mutum, sua localidade natal, um belo lugar, conforme afirmava um visitante ou uma localidade inóspita, triste, sem futuro, como afirmava a mãe, mulher triste e resignada a uma vida difícil e sem perspectiva?

Por que o interesse em resolver o impasse que lhe ia na alma? Miguilim gostaria de dizer à mãe que o Mutum era realmente bonito, pois um estranho desinteressadamente, morador de outro lugar, confirmara a desconfiança — o Mutum era bonito:

“Quando voltou para casa, seu maior pensamento era que tinha a boa notícia para dar à mãe: o que o homem tinha falado — que o Mutum era lugar bonito... — A mãe, quando ouvisse essa certeza, havia de se alegrar, ficava consolada. Era um presente; e a ideia de poder trazê-lo desse jeito de cor, como uma salvação, deixava-o febril até nas pernas. [...]”

Essa informação é uma espécie de presente que Miguilim oferece à mãe e, tal era essa alegria, que ignorou o pai, tendo este tomado como desaforo o ato do menino:

“Com a aflição em que estivera, de poder depressa ficar só com a mãe, para lhe dar a notícia, Miguilim devia de ter procedido mal e desgostado o pai, coisa que não queria, de forma nenhuma, e que mesmo agora largava-o num atordoado arrependimento de perdão. De nada, que o pai se crescia, raivava: — Este menino é um mal-agradecido. Passeou, passeou, todos os dias esteve fora de cá, foi no Sucuriju, e quando retorna parece que não tem estima por mim, não quer saber da gente... [...]”

Era o dia seguinte um domingo. Nhô Bero, o pai, levou à pescaria todos os filhos, exceto Miguilim, que ficou de castigo.

Havia, entretanto o tio Terez que, bonzinho, ensinou-o a construir alçapão para prender passarinho.

Miguilim nutria revolta contra o pai, Nhô Bero. Era um pai rude, malvado, que não compreendia o filho, dava-lhe surras, punha-o de castigo sentado no tamborete.

Todavia, o menino tinha afeto à família: devotava especial afeto pelo irmão, o Dito, e amava a mãe, mulher triste. Certa ocasião, para tristeza de Miguilim, o pai dera a uns tropeiros uma cadela quase cega,

mas muito estimada — a Pingo-de-Ouro — que ele nunca esquece. Miguilim, em sua sensibilidade, associa o fato à história da cuca que o Menino Triste perdera. É por isto que pretende inventar uma estória: a da Cuca Pingo-de-Ouro.

Por outro lado, havia lembranças gostosas: as caçadas aos passarinhos, os bois de sabugo de milho, as corridas pela mata; enfim, as alegrias de criança.

Além do Dito — o predileto, que dividia a cama com ele —, Miguilim tinha mais três irmãos: Drelina, a mais velha, bonita e de cabelos loiros e compridos; Chica, menor que Drelina, que tinha os mesmos cabelos pretos da mãe; e Tomezinho, o caçula, de quatro anos, que era ruivo como o pai. Havia também Liovaldo, mas este não morava na Mutum. Eram também consideradas da família a Vovó Izidra, tia da mãe de Miguilim, religiosa, severa, sempre vestida de preto e Mãitina, preta velha, empregada da casa, dada a feitiçarias.

Tio Terêz mostra-se interessado na mãe de Miguilim e com isto gera conflito com Nhô Bero. Para evitar desgraça, parte inesperadamente:

“[...] Vovó Izidra vinha saindo de seu quarto escuro, carregava a almofada de crivo na mão, caçando Tio Terêz. [...] O que ela estava dizendo: estava mandando Tio Terêz ir embora. [...] Forcejava que Tio Terêz fosse embora, por nunca mais, na mesma da hora. Falava que por umas coisas assim é que há questão de brigas e mortes, desmanchando com as famílias. [...]”

E Tio Terêz parte, mesmo debaixo da chuvarada. Miguilim, com medo dos trovões, conversa com Dito, que o acalma. Todos rezam, na casa, até Mãitina.

Miguilim conta para Dito que ele fizera promessa para Tio Terêz e o pai voltarem e não brigarem mais.

A chuva melhora e o pai volta, mais calmo. E recebe a visita de Seo Deográcias, uma espécie de curandeiro, pois cura com ervas; ele traz o filho, Patori, um moleque muito malvado. Acha Miguilim magro e diz que vai curá-lo com ervas, mas a mãe diz que não precisa.

Dito conta a Miguilim que ficou sabendo, pelo vaqueiro Salúz, que Tio Terêz está trabalhando a dez léguas dali, para uma viúva. Nhô Béro convida Seo Deográcias para ensinar Miguilim a ler e escrever, porque a mulher não tem paciência. Miguilim cisma que vai morrer por causa do exame feito por Seo Deográcias, e se apega à religião.

Miguilim apavora-se com a ideia da morte, julga-se enfermo de tuberculose e faz um pacto com Deus (drama religioso) para que lhe acrescente dez dias de vida: pretende fazer uma novena (que não faz). Se obtivesse a graça pedida no pacto, só morreria de velhice.

Passam-se os dias. Miguilim em agonia. Décimo dia. Miguilim, apavorado, não se levanta. Como não inicia a novena, no décimo dia fica esperando a morte chegar:

“Agora era o dia derradeiro. Hoje, ele devia de morrer ou não morrer. Nem ia levantar da cama. [...] Morria, ninguém não sentia mais que não tinha o Miguilim. [...]”

Dito, o irmão querido, cheio de medos, pede que seu Aristeu, homem informado, também curador, veja Miguilim, e ele constata que o menino não tem nada. E convence Miguilim de que nas Gerais não dá a tísica. Miguilim ficou tão feliz, que “tremia de alegrias”.

Certa ocasião Tio Terêz reaparece às escondidas e pede a Miguilim que entregue um bilhete à mãe:

“[...] Tio Terêz pegou o queixo de Miguilim, endireitando a cara dele para se olharem. — Você vai, Miguilim, você leva, entrega isto aqui à Mãe, bem escondido, você agarante?! Diz que ela pode dar a resposta a você, que mais amanhã estou aqui, te espero... [...]”

Impensadamente, Tio Terêz envolve o menino num drama moral: Miguilim entra em pânico, dividido entre o sentimento de lealdade ao pai e a vontade de ajudar o tio a se comunicar com a mãe. Tio Terêz percebe o ato infame. Miguilim inventa desculpas e mentiras, aumenta seu drama de consciência, mas confessa não ter levado à mãe o tal bilhete:

“[...] — Tio Terêz, eu não entreguei o bilhete, não falei nada com Mãe, não falei nada com ninguém! — Mas por que, Miguilim? Você não tem confiança em mim?! — [...] Tio Terêz espiava o bilhete, que relia, às vezes tristes vezes, feito não fosse aquele que ele mesmo tinha fornecido. Daí olhou para Miguilim, de dado relance, tirou um lenço, limpou jeitoso as lágrimas de Miguilim — Miguilim, Miguilim, não chora, não

te importa, você é um menino bom, menino direito, você é meu amigo! [...] Tio Terêz beijava Miguilim, de despedida, daí sumia por entre o escuro das árvores, conforme que mesmo tinha vindo.”

Entre descrições de medo da chuva, de superstições, da chegada de outros empregados, alguns fatos marcam a narrativa: primeiro é a morte de Patori, o filho arteiro de Seo Deográcias: ele havia matado uma pessoa, fugido para a mata e fora encontrado morto lá.

Depois, Dito, o irmão preferido de Miguilim, seu conselheiro e apoiador, o único que realmente o compreendia e cuja sabedoria Miguilim tanto admirava, fere-se gravemente no pé, ao tentar apanhar um mico fujão, piora e morre, após longo sofrimento, sem que possa participar da montagem do presépio. A morte de Dito representa o maior sofrimento da vida de Miguilim:

“[...] e Miguilim desengolia na garganta um desespero. — Chora não, Miguilim, de quem eu gosto mais, junto com Mãe, é de você... E o Dito também não conseguia mais falar direito, os dentes dele teimavam em ficar encostados, a boca mal abria, mas mesmo assim ele forcejou e disse tudo: — Miguilim, Miguilim, vou ensinar o que agorinha eu sei, demais: é que a gente pode ficar sempre alegre, alegre, mesmo com toda coisa ruim que acontece acontecendo. A gente deve de poder ficar então mais alegre, amis alegre, por dentro!... E o Dito quis rir para Miguilim. Mas Miguilim chorava aos gritos, sufocava, os outros vieram, puxaram Miguilim de lá. [...]”

Miguilim não se conformava, mas nada adiantou: seu querido companheiro Dito morreu, vitimado pelo tétano, por causa da ferida:

“Miguilim entrou, empurrando os outros; o que feito uma loucura ele naquele momento sentiu, parecia mais uma repentina esperança. O Dito, morto, era a mesma coisa que quando vivo, Miguilim pegou na mãozinha morta dele. Soluçava de engasgar, sentia as lágrimas quentes, maiores do que os olhos. [...]”

Miguilim sofria intensamente:

“Todos os dias que depois vieram, eram tempo de doer. [...]”

E além da enorme dor pela perda do irmão predileto, Miguilim sofria também pelo sofrimento da mãe: não se esquecia das palavras dela, abraçado ao corpo do Dito, isso era o que mais lhe doía. Só a Rosa, a cozinheira, parecia compreender um pouco o seu sofrimento:

“[...] Só a Rosa foi quem uma vez disse que o Dito era uma alminha que via o Céu por detrás do morro, e que por isso estava marcado para não ficar muito tempo mais aqui. E disse que o Dito falava com cada pessoa como se ela fosse uma, diferente; mas que gostava de todas, como se todas fossem iguais. [...] E disse que o Dito parecia uma pessoinha velha, muito velha em nova.

Miguilim se agarrou com a Rosa, em pranto de alívio; aquela era a primeira vez que ele abraçava a Rosa. [...]”

Aos poucos, e graças às palavras consoladoras de Rosa, Miguilim sai de seu isolamento; o pai insiste em que ele deve começar a trabalhar, a fazer alguma coisa, e ele começa: debulha milho, capinava a horta, buscava cavalo no pasto... Queria era ser igual ao Dito, mas “não tinha poder”: gostava de comer bastante e deitar no chão, depois do almoço e, “mesmo a vida sendo triste”, não queria morrer, tinha medo.

Sentia “uma raiva quieta de todos. Do Pai, principal.” Este não podia ver Miguilim, que logo o punha para trabalhar. Para piorar, um dia, à noite, Miguilim ainda ouve o pai lamentar a morte de Dito, dizendo para a Mãe que antes fosse Miguilim:

“[...] Pai disse a Mãe que ele não prestava, que menino bom era o Dito, que Deus tinha levado para si, era muito melhor tivesse levado Miguilim em vez d’o Dito.”

“No dia seguinte, sem ninguém esperar”, chega Liovaldo, malvado como Patori, irmão que fora morar com um tio. Vem visitar a família e implica com o pobre Miguilim, que trabalhava duro sob as ordens do pai, na roça ou não, pois, “mesmo quando não tinha serviço de roça, Pai mandava Miguilim ir buscar lenha”.

O pai começou a mandar Miguilim levar o leite, embora a Mãe não quisesse.

Miguilim ia, mas às vezes alguns “meninos malignos” assustavam o cavalo, e parte do leite se perdia, O pai castigava Miguilim, que, triste, ficava lembrando as palavras do Dito:

“— Os outros têm uma espécie de cachorro farejador, dentro de cada um, eles mesmos não sabem. Isso feito um cachorro, que eles têm dentro deles, é que fareja, todo o tempo, se a gente por dentro da gente

está mole, está sujo ou está ruim, ou errado... As pessoas, mesmas, não sabem. Mas, então, elas ficam assim com uma precisão de judiar com a gente...”

Miguilim briga violentamente com Liovaldo, e apanha do pai, de correia. O pai bateu muito, demais, mas Miguilim não chorou; ficou pensando que, “quando crescesse, matava pai”. Só chorou depois, “quando Mãe estava lavando com água e sal os lugares machucados em seu corpo”. Ficou com raiva até da Mãe, pois achava que ela era mole.

Miguilim passa três dias na casa do vaqueiro Salúz, a mando da Mãe, para livrá-lo da raiva do pai: naqueles dias, “desprezou qualquer saudade”. Ao voltar, só toma a bênção, “baixinho, surdo”, porque o pai o obriga. O pai, então, soltou todos os passarinhos de Miguilim e destruiu as gaiolas. Miguilim não chorou: juntou todos as suas coisinhas de brincar e “jogou tudo fora”.

Finalmente Liovaldo vai embora. Miguilim fica alegre, pensando em que um dia ele poderá partir também.

Mais desgraça. Miguilim passa mal na roça e adoece, mas, por outro lado, percebe, finalmente, o pai, ao seu modo, percebe que o ama:

“[...] Era uma dor muito brava, na nuca, também.

[...]

Depois, Miguilim nem ia conhecendo quando era dia e quando era noite. Transpirava e tremia invernos, emborcava-o aquela dor terrível na nuca. Só prostrado. [...] Todos vinham ver. [...] Aguentar aquela dor parecia um serviço. E então Miguilim viu Pai e arregalou os olhos: não podia, jeito nenhum não podia mesmo ser. Mas era. Pai não ralhava, não estava agravado, não vinha descompor. Pai chorava estramontado, demordia de morder os beijos. [...] Pai gritava uma braveza toda, mas por amor dele, Miguilim. [...]”

O tempo passa e Miguilim, muito devagar, começa a melhorar, mas ainda se sente muito cansado. Pede à Mãe que o deixe descansar mais, mesmo depois de sarar. Ela promete.

Um dia, Miguilim ouve gritos: o pai matara Luisaltino. Vovó Izidra afasta-o do problema e cuida dele. Miguilim melhora e fica sabendo que, em desespero, Nhô Bero fogira para o mato e se enforcara com um cipó. Miguilim pensa que se o Dito ainda estivesse vivo, “quem sabe aquilo tudo não acontecia”.

Tio Terêz retorna, mas Miguilim acha que é pecado gostar dele. Mas Tio Terêz agora trabalhava muito e usava uma linda roupa de couro. Um dia, Mãe pergunta a Miguilim o que ele acharia se ela casasse com Tio Terêz. Miguilim não se importava, “aquilo tudo era bobagens”.

A família recebe a visita do médico, doutor José Lourenço. O médico percebe a miopia de Miguilim e empresta-lhe os óculos. Neste momento, Miguilim passa a enxergar um mundo diferente. Euforia. Miguilim vai embora com o doutor para a cidade. Lá estudará, aprenderá um ofício e verá, através de seus óculos novos, uma nova vida. Completa-se seu rito de passagem e ele pode enxergar com clareza as coisas todas, da vida e da morte.

Uma estória de amor: festa de Manuelzão

Manuelzão ou Manuel Jesus Rodrigues ou Manuelzão J. Roiz é a personagem central dessa estória. Na verdade, a personagem surgiu do conhecimento de um tal Manuel Nardes, o Manuelzão, que o autor conheceu numa viagem feita pelo interior de Minas Gerais. É daí que surge a novela. Em princípio a obra foi intitulada *Corpo de Baile* (1956). Posteriormente dividiu-se em três volumes: *Manuelzão e Miguilim*; *No Urubuquaquá, no Pinhem* e *Noites do Sertão*.

A personagem, Manuelzão, entrega-se à tarefa de construir uma capela na fazenda da Samarra, solicitação de sua mãe, quando viva. Consumado o trabalho, Manuelzão idealiza uma festança de três dias, iniciada com a primeira missa que lá seria rezada. Todo o enredo transcorre durante o período de festejos e o receptor vai conhecendo personagens, fatos e enredos da narrativa:

“la haver a festa. Naquele lugar — nem fazenda, só um repostado, um currais-de-gado, pobre e novo ali entre o Rio e a Serra-dos-gerais, onde o cheiro dos bois apenas começava a corrigir o ar áspero das ervas

e árvores do campo-cerrado [...] Mas, para os moradores, e assim para a gente de mais longe ao redor, vivente nas veredas e chapadas, seria bem uma festa. Na samarra.

Benzia-se a capela — templozinho, nem mais que uma guarita, feita a dois quilômetros da Casa, no fim de uma altura esplã, de onde a vista se produzia.

Uma ermida, com paredes de tapa-de-sebe, mas caiada e entelhada, barrada de vivo azul e tendo à testa a cruz. Nem um sino. [...]"

Para Manuelzão a festa era da maior importância, pois assim consideraria de fato inaugurada a Samarra. Ele, que não descansara, que não festejara nunca, estava agora a observar a grande movimentação no lugar. E havia movimento: traziam-se flores, ovos de gavião e tantas outras quinquilharias. Dois dias antes da festa já o movimento era intenso.

A certa altura, o narrador dá conta de que Manuelzão não é o verdadeiro dono da fazenda, mas um tal de Federico Freyre, homem que nunca aparece na localidade, por isto todos respeitam Manuelzão como proprietário. Manuelzão trabalhava para o fazendeiro Federico Freyre havia quatro anos. Era responsável pelo lugar.

Fora ele muito pobre, porém grande batalhador. Tinha começado a vida na miséria, sempre lutando e esforçando-se para melhorar. Aos sessenta anos chega a uma boa situação econômica; assim, preparado para realizar um desejo de D. Quilina, sua falecida mãe. Quando ela morrera ele a sepultara no lugar em que pretendia erguer a capela.

A festa de inauguração da capela viera do próprio Manuelzão, que pensava, em sua idade avançada, retomar uma vida mais familiar. Era necessário ter uma família, para fundar um lugar; até chegar ali, num mês de maio, sua vida era transportar gado, sem parada. De família, só a mãe e um filho natural que ele tinha, em quem ele pensou como um modo de talvez ajudar a formar essa família. Esse filho era Adelço, a quem praticamente Manuelzão não via. Adelço já era casado. Era sua mulher Leonísia e tinha filhos:

"[...] Só, solteirão, que ele era. Antes, nunca tinha pensado nisso com motivos.

Pensou. Seus homens, mais ou menos velhos conhecidos, com ele vindos do Maquiné, para apego de companhia não bastavam? Ele calculou que não. E resolveu um recurso. A mãe, idosa, e que nunca aceitara de sair do lugarejo do Mim, na Mata do Andrés, no Pium-í, no Alto Oeste, não era pessoa para vir aguentar as ruindades dum princípio tão sertanejo assim. Mas Manuelzão se lembrou de um filho, que também tinha.

Esse, filho natural, nascido de um curto acaso, no Porto Andorinhas, e ali deixado, Manuelzão não o vira, ao todo, mais de três vezes. E ele estava agora com perto de trinta anos, se chamava Adelço de Tal, e era um rapagão cabeludo, escurado, às vezes feio até, quando meio zorlho remirava; com Manuelzão nada se parecia. A mãe morrera pontual, Manuelzão não se lembrava do nome dela.

Mas esse Adelço se casara, tinha sete meninos pequenos, a mais velha com sete anos, e trabalhava para toda lavoura e gado, numa fazenda pompeana [...]"

Adelço atendeu ao chamado de Manuelzão e mudou-se, com toda a família. O avô sentia-se otimista quanto ao futuro dos netos, mas não percebia coisas boas no filho, que, apesar de trabalhador, ele via como alguém "mesquinho e fornecido maldoso, um homem esperando para ser ruim" e que "só punha toda estima em sua mulher e nos filhinhos, das outras pessoas tinha uma raiva surdada".

Leonísia, a mulher de Adelço era, por outro lado, uma pessoa boa, trabalhadeira, diferentemente do irmão, o Promitivo, que aos dezoito anos era um vagabundo e não gostava de trabalhar.

Ergueram a casa que deveria servir como sede, e havia, naquela época, um riachinho no lugar, que acabou secando depois de um ano, fazendo que Chico Carreiro tivesse de pegar o carro-de-bois e buscar latas de água nas pedras. Ia sempre com as crianças e, às vezes, Camilo, um velho mendigo, os acompanhava. Esse velho tinha um dia chegado lá e ficado; ia sempre pôr flores no túmulo da mãe de Manuelzão. Fazia as coisas sem ninguém mandar, como descascar milho e buscar água.

Com o trabalho de Manuelzão a Samarra vai-se ampliando, pessoas se agregam, uns para trabalhar outros para tirar proveito, como é o caso de um outro mendigo que por lá surgira antes de Camilo, um surdo-mudo, o José de Deus, forte e zangado que, ao ser intimado a trabalhar, retirou-se de pronto. Enfim, são diversas as pessoas que, formando uma galeria de tipos, acomodam-se naquele espaço.

Camilo ganha roupa nova para a festa da capela; não apenas ele, mas Manuelzão, Adelço, os filhos, tudo mandado fazer por Leonísia. Manuelzão está tão envolvido com os preparativos que se esquece do pé doente e vai conversar com o padre, que tinha muita saúde e viera de Pirapora, a cavalo.

Muitas pessoas tinham vindo para a festa, inclusive um homem-bicho, que chamavam de João Urúgem e que vivia escondido no pé da serra, por ter sido acusado de roubo no passado, continuando lá, embora depois se descobrisse que ele era inocente. E o povo se preparava:

“Manuelzão instava o povo para rezarem o terço, a mando do padre. As mulheres começavam. As mulheres sempre iam se acrescentar todas de uma banda do pátio, se desmisturando dos homens. A reza era mais delas. Houve um declarado de respeito, os outros abrindo espaço para caminho, quando chegou o senhor do Vilamão, de barba andó, o cabelo embranquecido, trajado de vestimenta que não se usava mais em parte nenhuma, o cavour — sobretudo preto, com sobre-capinha que batia no cotovelo. [...]”

O recém-chegado era um homem muito rico, e é recebido por Manuelzão, pois Adelço não serve nem para receber os visitantes, ao contrário do cunhado, o vagabundo Proimitivo, que toma gosto pela festa e trata todos muito bem. Chega também Lói, ex-vaqueiro que também matava onças e agora faz negócios com mulas.

Aparecem também Simião Faço e seu irmão Januário, além de outros companheiros. Satisfeito, Manuelzão pensa que “todo o mundo, no longe do redor, iam ficar sabendo quem era ele, Manuelzão”. Os recém-chegados falam da grande boiada que vinham trazendo e Manuelzão escuta com prazer, pois

“[...] tudo ainda era muito maior quando a gente ouvia contada a narração dos outros, de volta de viagens. Muito maior do que quando a gente mesmo viajava, serra-abaxo-serra-acima, quando a maior parte do que acontecia era cansativo e dos tristonhos, tudo trabalho empatoso, a gente era sofrendo e tendo de aturar, que nem um boi, daqueles tangidos no acerto escravo de todos, sem soberania de sossego. [...]”.

O velho vaqueiro pensa em seu passado de andanças e o começo na Samarra.

Recorda o pai, que já morrera e que nunca manifestara desejo de melhorar de vida, aceitando sempre a pobreza, ao contrário dele, Manuelzão, que sempre desejou subir na vida. Acha que a sorte o ajudou sempre e que, pela festa e pela capela, deve continuar a ajudar.

Prepara-se uma procissão para sair e Manuelzão resolve segui-la, apesar de não ter sido ideia dele. Chegam à capela e o velho vaqueiro tenta ficar perto do padre, apesar da dor no pé, tão forte que o leva a pensar que talvez seja melhor não sair com a boiada dali a três dias, depois da festa. À noite, em seu quarto, não consegue dormir, pois fica prestando atenção às histórias que Joana Xaviel está contando na cozinha para Leonísia e algumas mulheres de vaqueiros. Lá fora, o velho Camilo ouvia, da porta, sem querer entrar, nem mesmo depois da insistência de Leonísia, boa como sempre. Ele gostava de Joana e ficava ali fora, ouvindo-a.

Joana fala de um sujeito rico, dono de uma vaca da qual ele gostava muito, a Cumbuquinha. Mas a mulher de seu vaqueiro de confiança, Destemida, que estava grávida, exigiu que matassem Cumbuquinha, porque estava sentindo desejo de comer a carne dela. O marido não tinha coragem de negar, porque ela estava grávida. A mãe do patrão descobriu tudo, mas foi envenenada por Destemida. O patrão fez o enterro mais bonito que era possível. Mas Destemida roubou tudo que conseguiu e, não satisfeita, ateou fogo à casa onde estava sendo velado o corpo:

“[...] A estória se acabava aí, de-repentemente, com o mal não tendo castigo, a Destemida graduada de rica, subida por si, na vantagem, às triunfâncias. Todos que ouviam, estranhavam muito: estória desigual das outras, danada de diversa.

Mas essa estória estava errada, não era toda! Ah, ela tinha de ter outra parte — faltava a segunda parte? A Joana Xaviel dizia que não, que assim era que sabia, não havia doutra maneira. Mentira dela? A ver que sabia o resto, mas se esquecendo, escondendo. Mas — uma segunda parte, o final — tinha de ter! Um dia, se apertasse com a Joana Xaviel, à brava, agatanhal, e ela teria que discorrer o faltante. [...] Mas, ainda

que nem não se achasse mais a outra parte, a gente podia, carecia de nela acreditar, mesmo assim sem ouvir, sem ver, sem saber. Só essa parte é que era importante. [...]"

Apesar de ser uma pessoa dura — ruim mesmo, segundo alguns —, Joana se tornava agradável e bonita, quando contava suas histórias. Atraía, mesmo, as pessoas, nessas horas. Começa a contar outra história, até que todos vão se deitar.

Enquanto ela fala, a história que conta se mistura aos pensamentos de Manuelzão no quarto: ora ele acha que pode mandar Adelço com a boiada no lugar dele, ora resolve ele próprio mesmo, embora também esteja preocupado com sua saúde. Acaba concluindo que tem saúde boa, sempre tivera, e que depois da boiada vê o médico.

Lembra, com orgulho, que nunca descansara, sempre trabalhara. Manuelzão nunca se casara. Acabara habituando-se às mulheres ocasionais, "para consumo do corpo":

"Nem não moravam dentro das terras de seu serviço. E ele nunca se descuidara de não gostar demais delas. Isto é, às vezes, tinha gostado. Tinha até chorado, lágrimas, dessas que violão toca. Mas a roda da vida empuxava. Carecia de estreitar seus desejos, continuar seus caminhos. [...]"

O velho vaqueiro continua pensando na vida. Imagina o filho e a nora juntos, na cama, a nora alegre e formosa. Lembra a solidão de velhinho senhor de Vilamão, sem ninguém, pensa em seu medo de voltar a ser pobre, em Camilo, que vivera junto com Joana durante seis meses. Depois tinham se separado e, embora os dois dissessem que "não viviam em malícia", Manuelzão os proibira de "vadiação". Mas sempre que podiam eles se aproximavam um do outro.

Manuelzão pensa na possibilidade de um dia achar uma moça boa como Leonísia, para casar, mas afasta a ideia, o de que ele precisava mesmo era ficar rico. Volta a pensar na boiada e sente que vai morrer no caminho... Quando pega no sono, já é madrugada e logo o papagaio o acorda.

O pátio está apinhado de gente:

"[...] Manuelzão se acontecia repondo o posto, andava no meio, saudava, salvava, respondia, abraçava, dando muita conta de sua cortesia. A festa ia começar. O padre estrangeiro sabia se rir a siso, com mocidade, cavalo dele se chamava Sansão. Seo Velho já amanhecia de sanfona a tiracol. O mulherio rezava. O senhor do Vilamão tremia as mãos farinhosamente, mas estipulava um rosário preto de bagos grandes. Até a substância da Samarra cheirava bem de si, era um gosto aquele ar se exalar completo [...]"

As pessoas sobem o morro, para a missa. Manuelzão "aceitou a honra de entrar, à frente de todos, admirado por tantos olhos, pompa de ir direito ao altar, beijar a santa, dito um padre-nosso". Mas sai logo, com medo de sentir falta de ar, porque a capela era muito pequena e estavam todos apertados. Fora da capela, Joãzinho, o vendeiro, montara um lugar com bebidas e comidas, cigarros e frutas. Depois, ia-se um leilão cujo lucro se destinaria à compra de um sino. Após a missa, então, é feito o leilão e começam as cantorias com Seo Velho e os filhos na viola. As pessoas dançam o lundu, "dança danada de custosa" que Manuelzão não sabe dançar.

O padre e o velho senhor de Vilamão vão tomar café, mas Manuelzão ainda fica mais, para falar com as pessoas. Enquanto conversa, fica imaginando que talvez pudesse levar o Promitivo com ele na viagem da boiada e acha que está faltando alguma coisa, que ele não sabe o que é, na festa. Na hora do almoço, Manuelzão pede que todos atentem para a leitura da carta que ele recebera de um camarada, desculpando-se por não ter podido comparecer. Joaquim Leal faz a leitura e o velho vaqueiro fica satisfeito, porque o ato confere solenidade à ocasião. Após a almoço, a festa continua, mesmo depois da partida do padre, muito atarefado.

Algumas pessoas já estavam indo embora da festa, quando Adelço vem falar com o pai:

"— Nho pai, o senhor não supre bem, do pé... Seja melhor eu ir, levar esse trem de boiada, nos conformes... O senhor toma um repouso..."

Manuelzão fica muito feliz com isso, mas diz a Adelço que ele mesmo ia:

"— Ah, não, meu filho. Decidi que vou. Careço mesmo de ir. Me serve..."

Manuelzão vai ver um moço que estava com febre. Leonísia oferece ao sogro uma infusão de ervas para o pé, mas ele responde que já nem se lembrava mais da dor.

Enquanto isso, Seo Velho ainda tocava, para os jovens dançarem. O velho vaqueiro vai até o túmulo da mãe e volta a pensar na boiada. Tem vontade de conversar com Camilo e acaba pedindo-lhe que conte uma história. Camilo chama a atenção de todo mundo com sua história sobre um fazendeiro que era muito bom vaqueiro. Todos ouvem, atentos, e se emocionam com a história:

“Até as mulheres choravam. Leonísia suavemente, Joana Xaviel suave. Joana Xaviel de certo chorava. Essa estória ela não sabia, e nunca tinha escutado. Essa estória ela não contava. O Velho Camilo que amava. Estória!”

E os homens se emocionam também: Seo Velho vai buscar “por si mesmo” cachaça para Camilo, e o velhinho senhor de Vilamão bate palmas, dando vivas.

Essas ocorrências, entretanto, não trarão a Manuelzão o esperado: respeito, distinção, importância. Manuelzão não se preocupa muito em festejar; precisa ficar rico, levar boiada... Mas a festa também tem coisa boa...muita prosa... Manuelzão gosta de ouvir a prosa.

Rola a festa. A boiada vai sair!

Encerra-se a festa...e a narrativa. E a boiada? Sai? Sairá? Levar a boiada fica para quando... Fica para... para a imaginação que possa ter o leitor, já que o diálogo que fecha a novela não esclarece:

“— Espera aí, seo Camilo...

Manuelzão, que é que há?

Está clareando, agora, está resumindo...

Uai, é dúvida?

— Nem não. Cantar e brincar, hoje é festa — dançação. Chega o dia declarar! A festa não é pra se consumir — mas para depois se lembrar... Com boiada jejuada, forte de hoje se contando três dias... A boiada vai sair. Somos que vamos.

A boiada vai sair!”

Atividades

1. (UNICAMP) No processo de crescimento de Miguilim, protagonista de *Campo geral*, de João Guimarães Rosa, há vários episódios significativos. Escolha um deles e mostre o seu sentido no contexto geral da obra.

2. (UNICAMP) Em que aspectos, em *Campo geral*, de Guimarães Rosa, as trajetórias de Dito e de Miguilim ora se afastam, ora se aproximam?

3. Em *Campo geral*, de João Guimarães Rosa, “um certo Miguilim morava com sua mãe, seu pai e seus irmãos longe, longe daqui, muito depois da Vereda-do-Frango-d’Água e de outras veredas sem nome ou pouco conhecidas, em ponto remoto, no Mutum”. No final da narrativa, depois de tudo o que ocorre com a personagem, Miguilim prepara-se para uma viagem decisiva em sua vida. Leia com atenção o trecho transcrito acima, que indica características importantes do espaço em que a personagem vivia, e aponte diferenças entre este espaço e o espaço para onde Miguilim se dirige com o doutor José Lourenço.

Texto para as questões de 4 a 6:

“Miguilim agora ia todo dia levar comida na roça, para Pai e Luisaltino. Não pensava em Tio Terêz nem nos macacos; mas também ia com as algibeiras cheias de pedras. Luisaltino prometeu dar a ele uma faquinha. Luisaltino agradava muito a todos. Disse que o Papaco-o-Paco era da Chica, mas o Papaco-o-Paco não gostava constante da Chica, nem de pessoa nenhuma, nem dos meninos, nem do gato Sossõe, nem dos cachorros, nem dos papagaios bravos, que sovoavam. Só gostava era da Rosa, estalava beijos para a Rosa, e a Rosa sabia falar boazinha com ele: — ‘Meu Cravo, tu chocou no meio dos matos, quantos ovinhos tinha em teu ninho? Onça comeu tua mãe? Sucruíú comeu teu pai? Onde é que estão teus irmãozinhos?’ E Papaco-o-Paco estalava beijos e recantava: ‘Estou triste mas não choro. Morena dos olhos tristes, esta vida é caipora...’ Cantava, cantava, sofismado, não esbarrava. A Rosa disse que aquela cantiga se chamava ‘Mariazinha’.”

(Guimarães Rosa, “Campo Geral”. In *Manuelzão e Miguilim*)

4. "... Não pensava em Tio Terêz nem nos macacos; mas também ia com as algibeiras cheias de pedras."

Explique o que deseja o narrador dizer com a frase "Não pensava em Tio Terêz".

5. Por que Miguilim levava as algibeiras cheias de pedras?

6. Retire do texto e transcreva, abaixo, um exemplo dos processos de formação de palavras criados ou cultivados por Guimarães Rosa.

7. Leia o fragmento abaixo:

"[...] Manuelzão se acontecia repondo o posto, andava no meio, saudava, salvava, respondia, abraçava, dando muita conta de sua cortesia. A festa ia começar. O padre estrangeiro sabia se rir a siso, com mocidade, cavalo dele se chamava Sansão. Seo Vevelho já amanhecia de sanfona a tiracol. O mulherio rezava. O senhor do Vilamão tremia as mãos farinhosamente, mas estipulava um rosário preto de bagos grandes. Até a substância da Samarra cheirava bem de si, era um gosto aquele ar se exalar completo [...]"

A que festa se refere esse fragmento e por que ela acontece?